

O RECONHECIMENTO DAS ESCRITORAS BRASILEIRAS NO ENSINO DE LITERATURA: RELATO DE UM PROJETO

Gabriela Semensato Ferreira^[i]

Angélica Gonçalves^[ii]

Gabriele Oliveira da Cunha^[iii]

Paula Ciciliato^[iv]

Talita Santos Pantaleão^[v]

RESUMO

A participação das mulheres foi constantemente apagada da História. No Brasil, em especial nos séculos XIX e XX, muitas escritoras foram e ainda são omitidas da história literária, apesar de terem produzido trabalhos excepcionais. Por essa razão, surgiu a iniciativa, por parte de estudantes de Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), da abertura de um espaço de leitura e discussão de obras literárias brasileiras escritas por mulheres, levando à criação do Projeto de Ensino “(Re)conhecendo as mulheres da literatura brasileira: um resgate das escritoras apagadas da história”, coordenado pelo Prof.º Dr. Alfeu Sparemberger. A partir do trabalho de Muzart (1999) e Schmidt (2000), entre outros, foram realizados, remotamente, doze encontros semanais voltados à comunidade acadêmica no primeiro semestre de 2021. As aulas foram direcionadas à apresentação dessas escritoras, à leitura e à discussão das obras através de dinâmicas pautadas em metodologias ativas de ensino.

Palavras-chave: Mulheres escritoras. Literatura brasileira. Gênero. História literária. Revalorização de obras literárias.

WOMEN’S PERSPECTIVE ON WAR: A READING OF THE TESTIMONY IN THE MURMURING COAST, BY LÍDIA JORGE

ABSTRACT

Women’s participation has constantly been erased from history. In Brazil, especially in the XIX and XX centuries, many female writers were and still are omitted from our literary history, even though they produced exceptional works. To change this situation, students of Literature and Languages at the Federal University of Pelotas (Universidade Federal de Pelota - UFPel) had the initiative to open a space for the reading and discussion of Brazilian literary works written by women, leading to the creation of the project “(Re)cognizing Brazilian female writers: a rescue of the women erased from history”, coordinated by Prof. Alfeu Sparemberger. Based on the works of Muzart (1999) and Schmidt (2000), among others, twelve weekly meetings were carried out remotely, aimed at the academic community during the first semester of 2021. The classes were directed to the presentation of these writers and the discussion of their works through dynamics based on active teaching methodologies.

Keywords: Female writers. Brazilian Literature. Gender. Literary history. Revaluation of literary works.

EL RECONOCIMIENTO DE LAS ESCRITORAS BRASILEÑAS EN LA LITERATURA: INFORME DE UN PROYECTO

RESUMEN

La participación de las mujeres fue constantemente borrada de la Historia. En Brasil, especialmente en los siglos XIX y XX, muchas escritoras brasileñas fueron y siguen siendo omitidas de nuestra historia literaria, a pesar de haberem producido obras excepcionales. Con el intuito de cambiar esta situación, surgió la iniciativa, por parte de los estudiantes de Letras de la Universidad Federal de Pelotas (UFPel), de la abertura de un espacio de lectura y discusión de obras literarias brasileñas escritas por mujeres, llevando a la creación del Proyecto de Enseñanza “(Re)conocer a las mujeres en la literatura brasileña: un rescate de escritoras borradas de la historia”, coordinado por el Prof. Dr. Alfeu Sparemberger. A partir de los trabajos de Muzart (1991) y Schmidt (2000), entre otros, fueron realizados, de manera remota, doce encuentros semanales que se han vuelto a la comunidad académica durante el primer semestre de 2021. Las clases fueron direccionadas a la presentación de esas escritoras, a la lectura y a la discusión de sus obras a través de dinámicas pautadas en metodologías de enseñanza activa.

Palabras-clave: Mujeres escritoras. Literatura brasileña. Género. Historia literaria. Revalorización de obras literarias.

^[i] Doutora em Letras, Estudos Literários, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Letras (Literatura Comparada) e Graduada em Letras - Licenciatura em inglês, português e respectivas literaturas – pela mesma instituição.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5820-6912>
E-mail: profgabsemensato@gmail.com

^[ii] Graduada em Letras, Línguas Portuguesa e Inglesa e Respectivas Literaturas, Licenciatura. Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7167-0322>
E-mail: angelicagonsalves36@gmail.com

^[iii] Graduada em Letras, Língua Portuguesa e Literatura, Licenciatura. Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3273-2279>
E-mail: gabs Cunha@yahoo.com.br

^[iv] Graduada em Letras, Línguas Portuguesa e Inglesa e Respectivas Literaturas, Licenciatura. Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9970-0028>
E-mail: paula.ciciliato@gmail.com

^[v] Graduada em Letras, Língua Portuguesa e Literatura, Licenciatura. Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3999-3252>
E-mail: talitas561@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Em muitas universidades do país, ainda é frequente que as disciplinas de estudo da literatura brasileira sigam um padrão no que diz respeito à seleção de obras a serem lidas pelos estudantes. Partindo do período da colonização portuguesa até o século XX, em geral, os textos escolhidos foram escritos quase exclusivamente por homens da elite. As mulheres aparecem apenas na segunda geração do Modernismo e, ainda assim, em número reduzido. Esta prática pode ser um reflexo da construção da identidade nacional do período da independência, quando se idealizou uma cultura brasileira pautada na homogeneização de costumes e de etnias.

Conforme aponta Rita Schmidt (2000), uma relação estreita entre literatura e identidade nacional inicia no século XIX, na elaboração de uma narrativa que pudesse, “simbólica e ideologicamente, traduzir a independência política e a necessidade de singularizar culturalmente a nação emergente. Construir a nação significava constituir uma literatura própria” (SCHMIDT, 2000, p. 85), e isso começava pela escrita de uma história, conforme os princípios de “seleção e continuidade” que sustentassem um acervo de caráter nacional. Isso pode ser observado, em especial, no movimento Romântico, cuja vertente nacionalista foi um fator importante na luta por uma independência cultural e na construção do que se imaginava como uma literatura “verdadeiramente brasileira”.

Em 2019, no curso de Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), algumas dessas questões foram levantadas na disciplina de Crítica Literária, quando a ausência de escritoras desse período foi problematizada. Ao perguntar aos alunos quantas escritoras do século XIX eles conheciam, quantas obras escritas por mulheres desse período já haviam lido, a professora incitou uma reflexão a partir dos poucos nomes levantados pela turma. “Por que não conhecemos escritoras dessa época?”. Esse questionamento foi acompanhado de diálogo e seguido pela apresentação de algumas dessas escritoras e suas obras, quando possível, nas aulas seguintes.

Encontrando nela alguém aberto a esses questionamentos, uma estudante que cursava essa disciplina e que vinha pesquisando as obras dessas mulheres há alguns meses¹, propôs-lhe a criação de um espaço de leitura e discussão desses textos na universidade. A professora aceitou o desafio e, juntas, elas iniciaram o planejamento de um Projeto de Ensino que reunisse estudantes interessados nesse tema. A proposta foi levada para a mesma turma de Crítica, como um convite aos demais alunos que quisessem participar da organização do projeto. Outras sete alunas, que se tornaram, nesse momento, também pesquisadoras, juntaram-se a elas na criação do projeto “(Re)conhecendo as mulheres da literatura brasileira: um resgate das escritoras apagadas da História”, sob a coordenação do Prof. Dr. Alfeu Sparenberger, da UFPeL.

Após muita discussão em grupo, investigação sobre alguns nomes e a seleção preliminar de escritoras e obras, o início dos encontros foi estabelecido para março de 2020. Devido à pandemia da Covid-19, o projeto foi adaptado para a modalidade *on-line* através da plataforma *Webconf* da UFPeL³ e os encontros adiados para março de 2021. Os doze encontros *on-line* aconteceram semanalmente de março a junho desse ano.

¹ Pesquisava as obras da escritora Júlia Lopes de Almeida desde o ano anterior, após realizar a disciplina de Panorama Cultural da Literatura Brasileira e perceber a ausência de escritoras na lista de obras que deveriam ser lidas (do século XVI ao XIX). Ao apresentar um ensaio sobre o romance *A intrusa* e questionar aos colegas e professores o apagamento de tão importante autora, ela recebeu como justificativa que a obra não possuía valor literário para integrar um possível cânone, tendo sido escolhida para o trabalho apenas por se tratar de uma mulher escritora.

² Neste trabalho, vamos nos referir a essas graduandas envolvidas no planejamento do projeto como ministrantes e às participantes inscritas nos encontros como alunas-pesquisadoras. Todas atuaram como pesquisadoras, de alguma forma, já que se envolveram na investigação sobre as obras lidas e na busca pela revalorização das mulheres cujos nomes foram silenciados pela história.

³ A instituição havia retomado suas atividades no modelo remoto em agosto por meio dessa plataforma.

Cada aula teve duas horas de duração, mais uma hora de leitura individual (assíncrona), e foi direcionada a uma escritora e a uma obra, conforme a lista abaixo:

Encontro 1 - 16/03: Apresentação do projeto e leitura de trechos de diversas obras;

Encontro 2 - 23/03: Delfina Benigna da Cunha - poemas selecionados de *Poemas oferecidos às senhoras rio-grandenses* (1834);

Encontro 3 - 30/03: Dionísia Gonçalves Pinto (Nísia Floresta) - ensaio *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832);

Encontro 4 - 06/04: Maria Firmina dos Reis - conto “A escrava” (1887);

Encontro 5 - 13/04: Narcisa Amália - poemas selecionados de *Nebulosas* (1872);

Encontro 6 - 20/04: Maria Benedita Bormann (Délia) - romance *Lésbia* (1890);

Encontro 7 - 27/04: Júlia Lopes de Almeida - conto “Os porcos” (*Ânsia Eterna*, 1903);

Encontro 8 - 04/05: Emília Bandeira de Melo (Carmen Dolores) - *A luta: romance* (1909);

Encontro 9 - 11/05: Patrícia Galvão (Pagu) - *Parque Industrial* (1933);

Encontro 10 - 18/05: Miriam Alves - conto “Os olhos verdes de Esmeralda” (*Olhos de Azeviche*, 2017);

Encontro 11 - 25/05: Conceição Evaristo - poemas selecionados de *Poemas da recordação* (2008);

Encontro 12 - 01/06: Encerramento e sarau - textos selecionados pelas alunas.

Trinta e duas estudantes inscreveram-se para os encontros e quatorze continuavam conosco ao encerrarmos. No decorrer do semestre, mais três iniciaram sua participação. Ao final do projeto, todas produziram resenhas críticas de uma obra escolhida livremente de uma das dez escritoras que foram trabalhadas ao longo dos encontros.

Nas próximas seções, refletiremos sobre esta experiência a partir: (1) das leituras teóricas que foram algumas das principais referências para a criação do projeto; (2) do relato de duas aulas-pesquisadoras, a fim de ilustrar alguns pontos importantes sobre o funcionamento das dinâmicas; (3) das dificuldades encontradas durante a organização e a aplicação do projeto; e (4) dos aprendizados e descobertas que emergiram dessa experiência.

2 ALGUMAS REFERÊNCIAS

Uma das principais leituras feitas para embasar e planejar o projeto foi o artigo “Mulheres reescrevendo a nação”, de Rita Schmidt (2000). Nele, a autora apresenta possíveis motivações que levaram ao apagamento das mulheres da história literária brasileira. Ela afirma que, a partir da declaração da independência do Brasil, em 1822, foi indispensável que se construísse uma cultura, literatura, identidade e costumes nacionais. Os autores românticos da época foram os responsáveis por criar essa literatura nacional que, representada pela classe dominante e burguesa, buscou validar seus preceitos e serve, de certa forma até hoje, de manutenção das estruturas de poder.

A criação dessa instituição literária dominada por homens brancos da elite literária, retroalimentada pelos mesmos, resultou em um apagamento das diversas outras vozes que também constituíam a nacionalidade brasileira.

Entre essas vozes silenciadas, estão a da população negra e escravizada na época, as dos indígenas e das mulheres, às quais eram reservados os afazeres de casa e da família, e que por isso não faziam parte da elite intelectual brasileira. Sobre isso, Schmidt argumenta que:

Pelo viés da ótica feminina, nacionalizar o nacional, o que soa aparentemente como um despropósito, significa, justamente, questionar a matriz ideológica do paradigma universalista que informou o princípio do nacionalismo brasileiro, responsável pela formação e no desenvolvimento da nação como narração. Talvez essa seja uma das explicações para o silêncio e a exclusão de nossas escritoras da historiografia literária, da moderna tradição crítica e da história das ideias no Brasil, já que mostrar o país, na perspectiva de muitas delas, era problematizar as bases das ideologias masculinas de nação (2000, p. 89).

Para a escolha das obras e preparação das aulas, utilizamos também a antologia de *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, organizada por Zahidé Lupinacci Muzart (1999). A antologia, publicada em três volumes, reúne muitas escritoras do século XIX, organizadas de maneira cronológica, com comentários acerca das suas biografias, listagem de bibliografias e trechos de suas obras para análise.

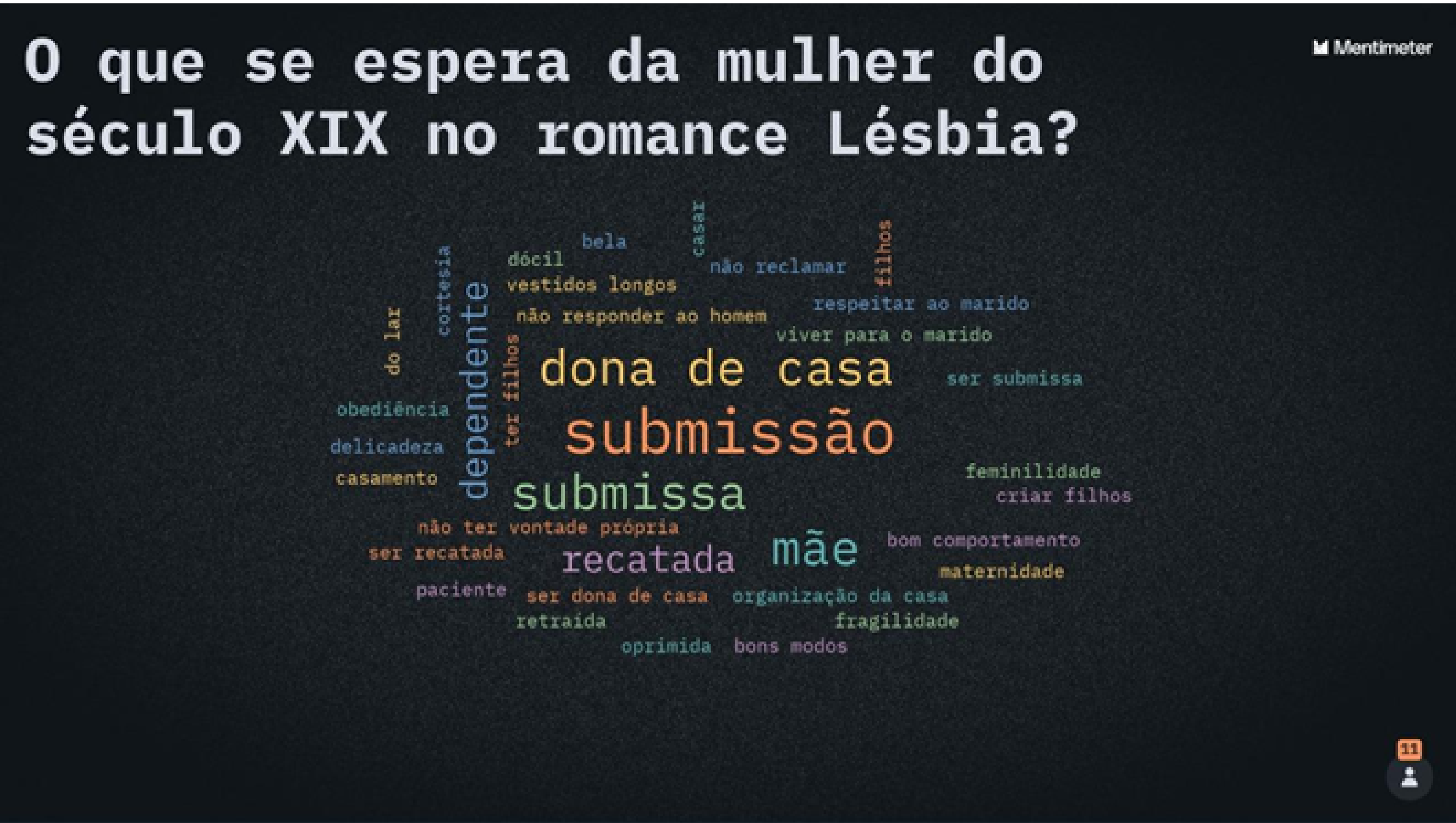
Já para o planejamento dos encontros sobre as escritoras do século XX, lemos estudos como o artigo “Parque Industrial: influxos feministas no romance proletário de Patrícia Galvão”, de Anselmo Peres Alós (2010); [tese de doutorado]. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*, de Miriam Cristina dos Santos (2018); e o capítulo “A escrevivência e seus subtextos” escrito por Conceição Evaristo e inserido no livro *Escrevivência: a escrita de nós*, organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes (2020).

Referências como essas nos mostraram que há diversos projetos em andamento com objetivos similares aos nossos, isto é, desenvolver novos modos de olhar para essas escritoras e de revalorizar suas obras, pensando sua inclusão na história literária e nos currículos de ensino de literatura brasileira. Esses textos também fundamentaram análises atentas em aula e a discussão de ideias a partir disso.

3 RELATOS

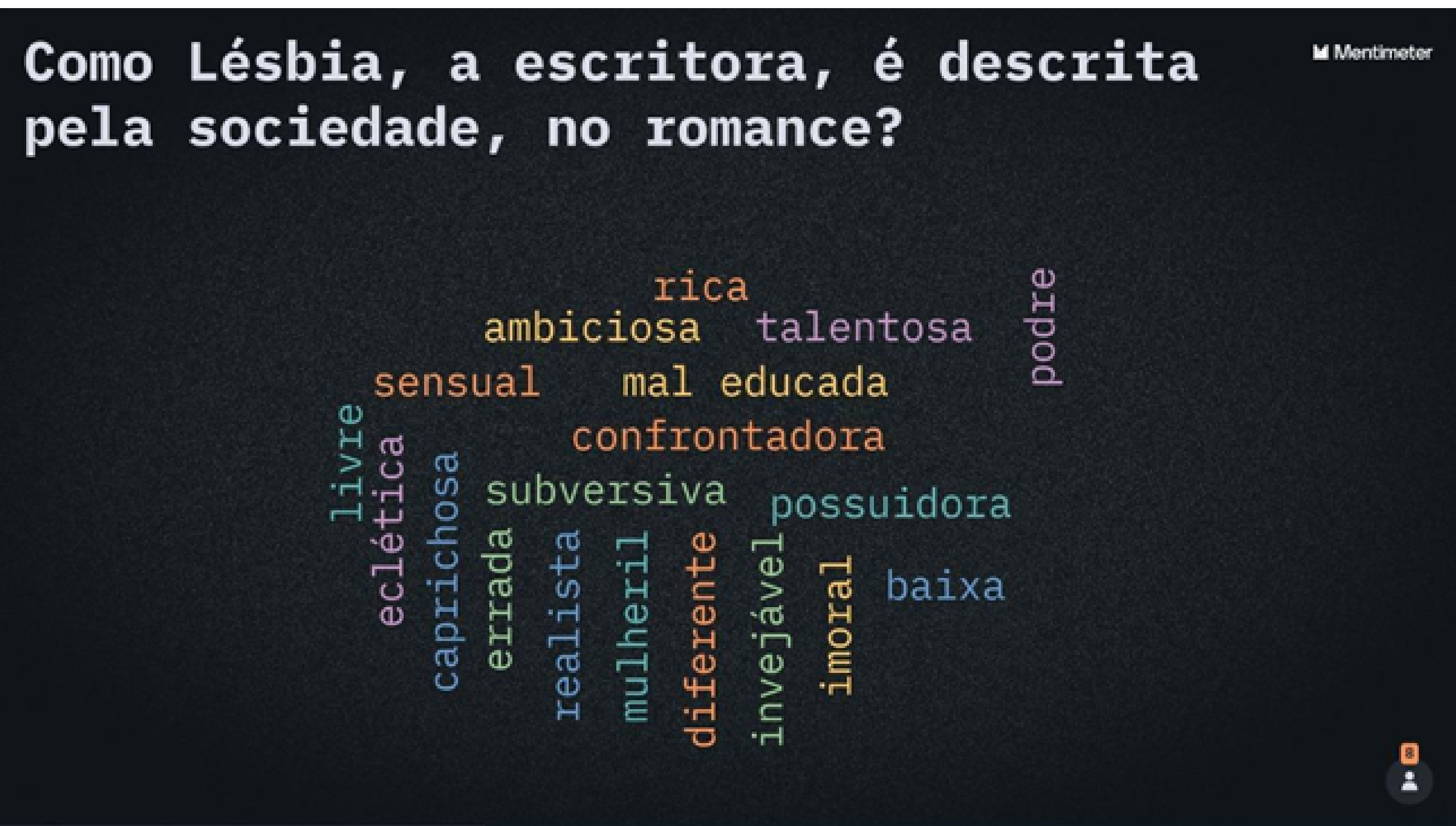
Uma das obras lidas foi o romance *Lésbia* (1890), de Maria Benedita Bormann (Délia). No encontro em que falamos sobre essa narrativa, após discutirmos sobre os papéis de gênero no século XIX e lermos trechos selecionados do romance, propusemos uma atividade on-line, no site *Mentimeter*, com quatro etapas. As duas primeiras formavam “nuvens de palavras” a partir das respostas das alunas. Nelas, pedimos para listarem palavras ou expressões para responder às perguntas: “O que se espera da mulher no século XIX no romance *Lésbia*?” e “Como *Lésbia*, a escritora, é descrita pela sociedade, no romance?”. A partir das respostas, foram geradas as seguintes nuvens de palavras:

Figura 1 - Nuvem das expectativas sobre Lésbia.



Fonte: as autoras, a partir de ferramenta disponível no site *Mentimeter*.

Figura 2 - Nuvem das características de Lésbia.



Fonte: as autoras, a partir de ferramenta disponível no site *Mentimeter*.

Deste modo, conforme aponta Ferreira (2021, p. 1251-1252), no excerto abaixo:

Enquanto na primeira imagem vemos o que se esperava de Lésbia – ser dona de casa, esposa, submissa, mãe, recatada e bela, entre outras coisas – na segunda vemos que a personagem renúncia a muitas dessas características; é considerada subversiva e talentosa, por exemplo. Por publicar livros que incomodavam parte do público, e talvez pelos romances em que se envolve, também é vista como imoral, baixa e caprichosa. Ainda podem-se ver adjetivos relacionados à sua obra literária: eclética e realista. E um último que talvez resuma um de seus maiores desejos: ser livre.

As demais perguntas da dinâmica eram de múltipla escolha e problematizaram a relevância da literatura para a protagonista e a posição adotada pelo (a) narrador(a), o(a) qual não exerce julgamentos morais sobre ela, mas demonstra empatia e, por vezes, assume os pontos de vista dela (FERREIRA, 2021, p. 1252).

No último momento desse encontro, discutimos essas perguntas a partir das imagens geradas no jogo e dos mesmos trechos selecionados para leitura, dando ênfase aos aspectos que nos possibilitaram elaborar uma reflexão sobre o contexto do século XIX, no que diz respeito a papéis de gênero, direitos, limitações e subversões possíveis.

Já no encontro sobre Direitos das mulheres e injustiça dos homens, de Nísia Floresta, inicialmente, realizamos uma breve contextualização do período onde a autora viveu. Logo após, partimos para um quiz, através do site Wordwall, sobre os direitos das mulheres no Brasil. Foram feitas seis questões, às quais as alunas deveriam responder como verdadeiras ou falsas, testando os seus conhecimentos prévios sobre o tema, de forma a introduzir o que seria abordado na discussão da obra posteriormente.

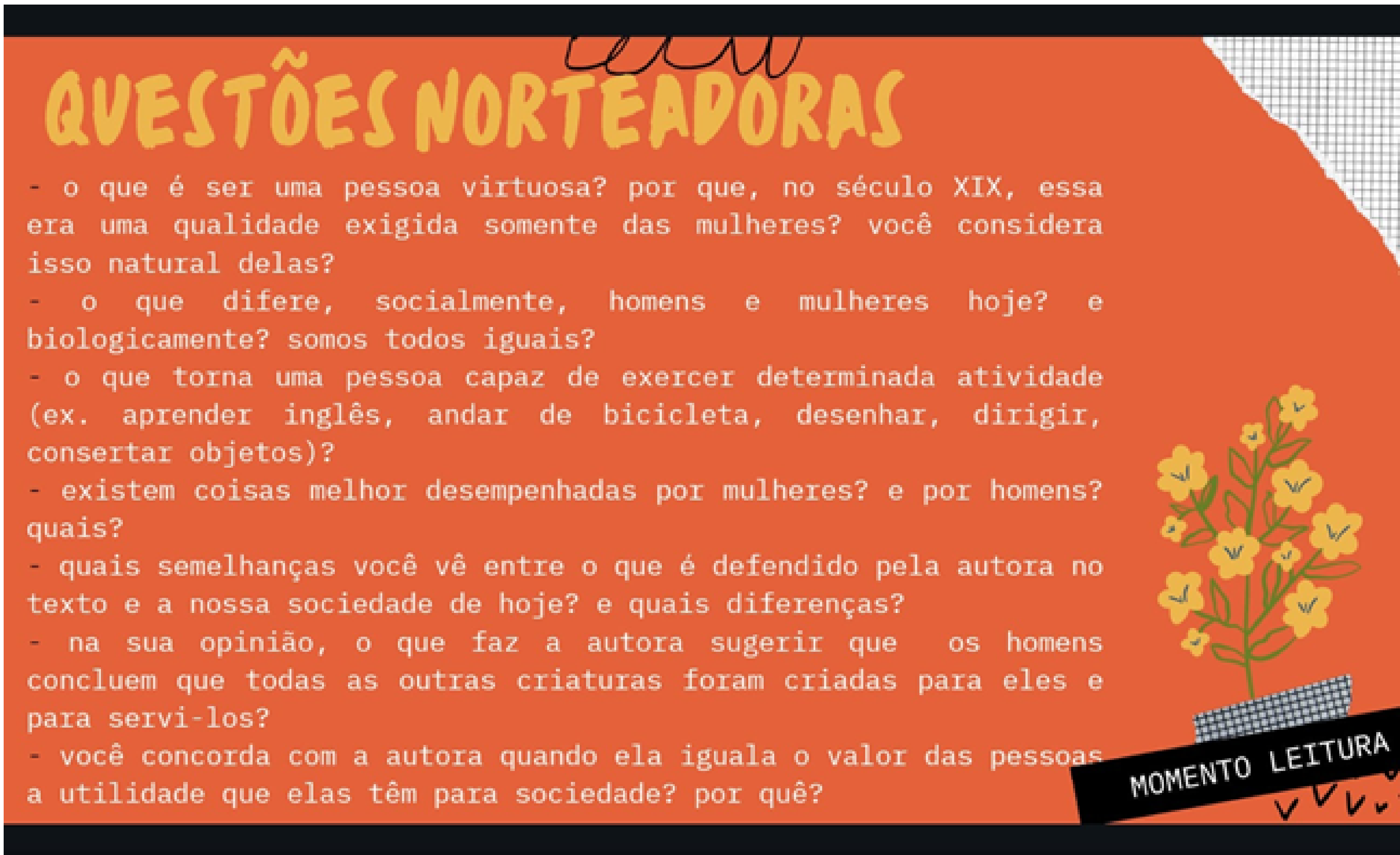
Figura 3 - Questões realizadas no quiz sobre os direitos das mulheres

-
1. Constituição de 1824: A noção de cidadão passou a incluir a mulher. Ela podia votar, mas não ser eleita. Podia trabalhar em empresas privadas, mas não ser funcionária pública. *FALSO*
 2. Contrato de professora de 1923: *VERDADEIRO*.
Não poderia casar;
Não poderia andar na companhia de homens;
Deveria ficar na sua casa das 20:00h às 06:00h (só poderia sair se fosse para resolver algo escolar);
Não poderia passear pelas sorveterias do centro da cidade;
Não poderia abandonar a cidade sem a permissão do Conselho de Delegados;
Não poderia fumar cigarros;
Não poderia beber cerveja, whisky ou vinho;
Não viajar de carruagem com homens a menos que seja com irmão ou pai;
 3. Constituição de 1934: Proíbe diferenças de salários para um mesmo trabalho por motivo de sexo; *VERDADEIRO*.
 4. O Brasil foi um dos primeiros países da América Latina a conceder o direito ao voto às mulheres; *FALSO*.
 5. Constituição 1988: O Estado promete criar mecanismos para coibir a violência familiar. Porém a Lei Maria da Penha só foi sancionada em 2006; *VERDADEIRO*.
 6. A Lei do Feminicídio entrou em vigor em 2006, juntamente com a Lei Maria da Penha. *FALSO*.
-

Fonte: as autoras.

O próximo passo foi a apresentação de algumas informações sobre a biografia de Nísia, as quais se relacionam com a escrita de suas obras, em especial a que estava sendo lida no encontro. A partir disso, propomos algumas questões para discussão do texto, relacionadas às diferenças entre os gêneros feminino e masculino, do ponto de vista biológico e social; aos papéis de gênero na época; e ao contexto de produção do texto e de leitura, entre outras. Para isso, selecionamos nove trechos da obra, lidos em grupos pelas alunas-pesquisadoras e depois comentados por nós, em diálogo com a turma. O objetivo principal desta aula era propiciar uma discussão dos questionamentos e afirmações de Nísia no texto, atentando para a relação entre eles, o seu contexto de época e a atualidade.

Figura 4 - Perguntas guia



Fonte: as autoras.

Neste momento, observamos uma queda na participação das alunas, que eram em geral bastante engajadas na discussão. Quase nenhuma delas fez algum comentário sobre os trechos pelos quais ficaram responsáveis, restando às ministrantes conduzir a discussão entre elas. Diante do comportamento da turma, pareceu-nos que a leitura prévia da obra não havia sido feita e por isso não participaram da discussão em aula. Uma hipótese para explicar o ocorrido, é a de que esta era a primeira obra longa do projeto, visto que no encontro anterior haviam sido trabalhados quatro poemas de Delfina Benigna da Cunha. Além disso, a obra tinha um caráter mais argumentativo do que propriamente ficcional, podendo ter despertado menos interesse do que um romance poderia ter feito. Outra possibilidade é a de que acharam a discussão complexa e ficaram com medo de opinar, afinal ainda não estavam acostumadas a esse formato de aula.

Entretanto, o tema do texto era extremamente relevante para a nossa conjuntura social, enquanto sujeitos ativos no questionamento de normas e padrões patriarcais e, ainda que escrito e publicado em 1832, mostrava-se atual nas suas colocações, conforme as perguntas realizadas pelas ministrantes enfatizavam. A importância do papel desempenhado por Nísia no contexto de sua época, no âmbito da educação e emancipação feminina, é inquestionável e, felizmente, nos últimos anos, suas obras vêm sendo resgatadas e estudadas por pesquisadoras como Constância Lima Duarte. É indispensável que um projeto de ensino focado neste resgate inclua Nísia em seu cronograma de leitura, mas as dificuldades do encontro acima relatado suscitaram-nos questionamentos acerca da abordagem de seus textos, principalmente quando pensamos na especificidade do ensino remoto.

4 DIFICULDADES ENCONTRADAS

Inicialmente, os encontros haviam sido pensados para o modo presencial, com foco na discussão proporcionada pelas alunas, como mencionamos anteriormente. Porém, com a ocorrência da pandemia e a transição para o ensino remoto emergencial, precisamos alterar o formato das aulas para adequá-las a esta nova modalidade de ensino, com a qual, até então, não tínhamos qualquer familiaridade. Assim, as principais dificuldades encontradas surgiram no ensino remoto, tanto por conta de questões relacionadas à conexão da internet e funcionamento da plataforma utilizada, quanto por conta das limitações e desconhecimento sobre esta modalidade de ensino.

Já na etapa inicial do projeto, surgiram desafios e incertezas, como muitos outros educadores experimentaram, em decorrência da falta de conhecimento frente a esta situação atípica. A principal dificuldade encontrada aqui foi o planejamento de exercícios dinâmicos que levassem as alunas a discutirem sobre as obras selecionadas. Como solução, utilizamos diversas atividades e jogos customizáveis, disponíveis em sites⁴ com recursos próprios para professores e apresentadores, que ofereceram grande auxílio para engajar as participantes.

Com o desenrolar dos encontros, outras complicações se tornaram evidentes. Em certas ocasiões, tentamos separar as alunas-pesquisadoras em grupos para realizarem uma discussão entre si antes de abrimos para o grande grupo, utilizando salas do Google Meet para tal. Porém, a confusão sobre quem deveria entrar em qual sala e sobre o quê deveriam discutir foi constante e demandou um grande tempo das aulas, se provando uma falha após várias tentativas. Além disso, muitas alunas-pesquisadoras se mostraram receosas quanto à participação ativa nos encontros, não se pronunciando nem pelo microfone, nem pelo chat. Para enfrentar ambas as questões, formulamos perguntas norteadoras, como exemplificamos anteriormente, e designamos duas ou mais pessoas para respondê-las após alguns minutos de reflexão pessoal. Ademais, as ministrantes que não eram responsáveis pelo encontro conversavam pelo chat, comentando sobre a aula e incentivando as alunas presentes a participarem. Apesar disso, até o final, tivemos participantes retirando-se da sala assim que propúnhamos as atividades, mas, ao mesmo tempo, tivemos um grupo constantemente muito engajado que nos acompanhou.

Por fim, como uma dificuldade pessoal das ministrantes, nos adequarmos ao tempo de cada encontro se mostrou difícil. As aulas consistiam em três partes: introdução da autora, contexto de produção e discussão sobre a obra. Foi comum dedicarmos um grande espaço da aula à introdução da autora e ao contexto de produção da obra, limitando a quantidade de tempo disponível para discutirmos sobre a obra com a turma, o que nos levou a passar da hora prevista para o encontro. Este aspecto, o qual estamos trabalhando para resolver, se manteve durante todo o período de execução do projeto, mostrando-se um desafio importante.

⁴ *Mentimeter* e *Wordwall*, por exemplo.

5 APRENDIZADOS E DESCOBERTAS

Os aprendizados obtidos podem ser pensados a partir de alguns pontos. O primeiro deles é a importância de reconhecer escritoras mulheres. Percebemos que esse movimento ocasiona o levantamento de questões fundamentais sobre gênero, raça e classe, o que gerou debates enriquecedores e pesquisa constante. Em todos os encontros foram levantadas questões relacionadas ao contexto histórico de cada escritora e obra, e mesmo que cada uma das autoras fosse diferente, com uma história individual, como se esperava, a discussão sobre os direitos das mulheres esteve em pauta em todos os debates.

O segundo ponto, ao mesmo tempo desafio e descoberta, foi como trabalhar com o ensino remoto: isso porque a participação da turma ficou, muitas vezes, comprometida. Pensando nisso, um dos aspectos levados em consideração para a elaboração de todos os encontros foi o estudo sobre metodologias mais ativas para incentivar o interesse dos participantes. Assim, foram elaboradas dinâmicas que demandavam a participação, o engajamento, a troca de ideias. Nesses momentos, usamos plataformas que propunham atividades colaborativas, como as exemplificadas no relato.

Outro exemplo de dinâmica funcional foi o ocorrido no encontro sobre a obra *A luta* (1909) de Emília Bandeira de Melo, onde foi proposta a formação de um júri. Solicitamos que as participantes se separassem em três grupos, o primeiro foi a favor da protagonista permanecer casada, o segundo a favor da separação, e o terceiro foi o júri que decidia o futuro da protagonista baseado nas defesas apresentadas pelos demais grupos. A partir da divisão em grupos, criamos salas separadas para que cada um discutisse e elaborasse sua defesa. Para o início da dinâmica, demos um minuto para a defesa, um minuto para a réplica e trinta segundos para a contrarréplica. Todos mostraram-se interessados, ligaram o microfone e construíram ótimas defesas. Esse tipo de dinâmica pode ter gerado maior interesse por ter envolvido espontaneidade, já que, apesar dos argumentos partirem da leitura realizada, também envolviam opiniões e sentimentos baseados em experiências de vida das alunas-pesquisadoras. Isso demonstrou que se envolveram com o texto e com a discussão, sem sentir a pressão por falar de conceitos mais abstratos ou ideias complexas.

A proposta de jogos on-line, de forma geral, incentivou bastante a participação, talvez por esse tipo de atividade ser mais lúdica, dinâmica, deixando os participantes mais à vontade para enviarem comentários no chat da plataforma Web Conferência e ainda interagirem sobre as questões. Com isso, aprendemos que o despertar da reflexão crítica sobre a literatura vai além da exposição de conteúdo pelo professor ou do simples ato de questionar sobre as leituras, sendo necessários incentivos como recursos dinâmicos e metodologias que coloquem o aluno na posição de alguém que dá sentido à obra, isto é, que a ressignifica e atualiza, como ensina a Teoria da Recepção.

6 CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos nesta primeira aplicação do projeto, entendemos que, apesar de todas as dificuldades durante este período remoto, as alunas-pesquisadoras apresentaram uma boa progressão durante os encontros, superando as nossas expectativas no que tange à participação e ao diálogo da turma com as ministrantes. Além disso, enquanto futuros professores e também pesquisadores, aprendemos a usar outras ferramentas tecnológicas e implementá-las nas nossas aulas, tornando-as mais comunicativas e dinâmicas. O projeto revelou-nos (e acreditamos que para as participantes também) novas possibilidades de ler e trabalhar com literatura, tanto no que diz respeito às autoras selecionadas e obras analisadas, quanto nas abordagens adotadas para cada encontro, no que diz respeito à fundamentação teórica e às metodologias.

Dessa forma, o projeto contribuiu para uma reflexão histórica e crítica das premissas concretizadoras do cânone brasileiro, visando à releitura dessas obras e a revalorização de textos ainda marginalizados, como os apresentados aqui. Isso porque esses escritos problematizavam as vivências e lutas das mulheres, mas não atendiam a critérios da época para a construção de uma história singular de identidade e nação brasileiras. Pensando nisso, pretendemos continuar com o projeto semestralmente, mantendo algumas escritoras e apresentando outras que ainda não foram discutidas.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. “Parque Industrial”: influxos feministas no romance proletário de Patrícia Galvão. **Revista de Estudos Românicos**, v. 15, n. 1, p. 157-182, out. 2011. Disponível em: (<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/>). Acesso em: 28 ago. 2021.

BORMANN, Maria Benedita. **Lésbia**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

FERREIRA, Gabriela Semensato. É possível reescrever nossa História? Relato de um projeto de ensino sobre escritoras brasileiras dos séculos XIX e XX. In. Congresso Internacional de Letras (CONIL), v 4, 2021. Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Bacabal, 2021. **Anais do IV Congresso Internacional de Letras**. Bacabal, Maranhão: UFMA, 2021. p. 1239-1257. Disponível em: (<https://sites.google.com/ufma.br/anais-e-resumos-do-conil/>). Acesso em: 3 nov. 2021.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia, vol. 1. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

PESSOA, Udyamar. **Nísia Floresta**: uma mulher à frente de seu tempo. Rio Grande do Norte: Fundação Ulysses Guimarães, s./ d.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Intelectuais Negras**: prosa negro-brasileira contemporânea. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: (<https://repositorio.ufjf.br/>). **Acesso em**: 3 nov. 2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulheres reescrevendo a nação. **Estudos feministas**, v. 8, n. 1, p. 84-97, 2000. Disponível em: (<https://periodicos.ufsc.br/index.php/>). Acesso em: 21 jun. 2021.

Artigo recebido em: 30 ago. 2021. | Artigo aprovado em: 16 nov. 2021.